

ESPORTES

AUSTRALIAN OPEN

Mesmo em meio a uma investigação por doping, italiano mantém força na quadra, bate Alexander Zverev em Melbourne e amplia foco para os outros Slams de 2025

Adrian Dennis/AFP



Os holofotes são de Jannik Sinner

O ano passado foi marcado como a temporada na qual os novos talentos do tênis ofuscaram as lendas. Em 2024, pela primeira vez desde 2002, nenhum título de Grand Slam foi vencido pelo chamado "Big Three", grupo dominante no esporte neste século, composto por Roger Federer, Rafael Nadal e Novak Djokovic. Os jovens Jannik Sinner, campeão do Aberto da Austrália e do US Open, e Carlos Alcaraz, dono das taças de Roland Garros e de Wimbledon, dividiram os troféus mais importantes do circuito e indicaram que uma nova era estava se iniciando. E 2025 começa com a confirmação dessa tese.

O primeiro Grand Slam do ano, na Austrália, foi vencido, ontem, novamente pelo italiano Sinner. Aos 23 anos, o prodígio começa a acumular recordes em uma carreira extremamente promissora. Na final, ele precisou de 2h42min para superar o atual 2º colocado da ATP, o alemão Alexander Zverev, por 3 sets a 0, parciais de 6/3, 7/6 (7-4) e 6/3. Desde Rafael Nadal, em 2006, nenhum tenista havia conseguido defender o primeiro título de Grand Slam da carreira. O italiano é apenas o oitavo atleta da história a vencer as três primeiras finais do tipo.

O jovem do pequeno vilarejo de San Candido, na fronteira com a Áustria, norte da Itália, é o primeiro tenista do país a ser tricampeão de Slams, superando

Nicola Pietrangelo. Número 1 do mundo desde junho de 2024, Sinner vem de uma sequência de 22 sets consecutivos vencidos contra integrantes do Top 10 do ranking da ATP, superando a marca de Roger Federer de 20 sets ganhos nestas condições, entre 2006 e 2007.

Em uma disputa com o provável competidor nos próximos anos, o espanhol Carlos Alcaraz, Sinner chegou ao oitavo grande título, que considera conquistas em Grand Slams, Masters 1000, ATP Finals e Olimpíada. Alcaraz, de 21 anos, soma nove. A média de troféus dos dois rivais em torneios deste escalão é similar à das grandes lendas da história. Sinner vence um do tipo a cada 7,1 disputados. À frente dele, estão apenas Novak Djokovic (um título a cada 3,2 disputados), Rafael Nadal (3,5), Roger Federer (4,4), Pete Sampras (4,9), Alcaraz (5) e Andre Agassi (6,1).

Mas, para o futuro, o italiano deseja muito mais. Principalmente, atingir a perfeição em outros pisos do circuito: o saibro e a grama. "Você precisa ser um jogador completo, não apenas em uma superfície, mas também nas outras duas. Certamente, é algo que sempre penso", comentou Sinner, após seu segundo título em Melbourne. "É claro que em quadra dura eu me sinto mais confortável, não? Considero isso positivo, porque nas outras superfícies ainda tenho de melhorar", admitiu.

"Vou colocar muita energia nisso, tentando encontrar os caminhos certos, e espero ir longe também nos outros Grand Slams que não são disputados em quadra dura", comentou Sinner. "Ainda sou jovem e tenho tempo para me ajustar, especialmente na quadra de grama, porque nunca joguei os juniores", explicou o italiano, semifinalista na grama de Wimbledon, em 2023, e no saibro de Roland Garros, em 2024.

Doping em aberto

O estilo de jogo e a personalidade de Sinner apresentam traços com potencial contraditórios. Agressivo dentro de quadra, dono de golpes fortes e diretos do fundo e de subidas e decididas frenéticas à rede, o homem de 1,91 metros de altura mostra uma natureza calma e comedida sem a raquete na mão. Diferentemente do carismático e sorridente Alcaraz, o italiano é de poucas palavras e de gestos tímidos.

Nenhuma polêmica o cercava até março de 2023, quando teve o nome envolvido em um caso de doping. Ele testou positivo duas vezes para clostebol, agente anabólico proibido pela Agência Mundial Antidoping (Wada). O atleta afirmou ter sido contaminado por um spray de uso livre na Itália utilizado por um fisioterapeuta.

A Agência Internacional de Integridade do Tênis (ITIA) retirou a pontuação e o prêmio

em dinheiro conquistados por Sinner pela disputa do Masters 1000 de Indian Wells, realizado na época do flagrante de doping (ele acabou perdendo nas semifinais para Alcaraz naquele torneio). Punição que gerou críticas de tenistas do circuito por ter sido considerada leve. Anteriormente, outros atletas foram suspensos de competir em casos semelhantes.

A Agência Mundial Antidoping (Wada) entrou com recurso na Corte Arbitral do Esporte (CAS) contra a decisão da ITIA e, em 16 e 17 abril deste ano, Sinner terá de comparecer a uma audiência a portas fechadas na sede do CAS, em Lausanne, na Suíça. Nada que aparentemente possa perturbar o prodígio de 23 anos, que, até lá, deve defender os títulos do ATP 500 de Roterdã e do Masters 1000 de Miami.

"Tem havido muita pressão em torno dele nos últimos nove meses", disse, neste início de ano, o australiano Darren Cahill, técnico de Sinner. "Ele é um jovem incrível, que conseguiu deixar isso de lado. Está com a consciência tranquila com o que está acontecendo. Essa é a principal razão pela qual ele conseguiu entrar em quadra e andar de cabeça erguida. Ter essa crença e jogar com a confiança que tem. É preciso ter uma cabeça sábia para lidar com a mídia e os torcedores e com a pressão de jogar diante de 15 mil pessoas e corresponder às expectativas", pontuou.

HANDEBOL

Seleção bate Espanha e embala de vez

Na 100ª partida em Mundiais de handebol, o Brasil entrou em quadra, em Oslo, na Noruega, disposto a derrubar mais uma potência e derrotou a Espanha por 26 a 25, ontem, pela terceira e última rodada da segunda fase. Foi a primeira vitória sobre a seleção ibérica em partidas oficiais.

Com excelente atuação de Bryan, autor de cinco gols, Rudolph, certeiro nos tiros de sete metros — foram seis bolas na rede do tipo —, além do seguro goleiro Buda, o Brasil ampliou a série de triunfos inéditos iniciada sobre a anfitriã Noruega e a tetracampeã

Sasa Pahic Szabo/Divulgação/CBHB



Time ganhou força para disputar vaga na semi contra a Dinamarca

mundial Suécia.

Assim, o Brasil se classificou na segunda posição do Grupo 3, atrás de Portugal, e vai enfrentar a atual campeã olímpica e tricampeã mundial Dinamarca nas quartas

de final. A partida será realizada na quarta-feira, às 13h30, em Oslo.

A vaga entre os oito finalistas que disputarão o mata-mata assegurou à seleção nacional a melhor campanha em uma edição de

AUTOMOBILISMO

Brasiliense Felipe Nars vence as 24h de Daytona

James Gilbert/Getty Images via AFP



Brasiliense se destacou com ultrapassagem no fim da prova

Pela segunda vez consecutiva, um brasiliense subiu ao topo do pódio da tradicional prova das 24h de Daytona. Ontem, Felipe Nars dirigiu a Porsche Penske #7, no stint final — a última parte da disputa —, e garantiu a vitória na primeira prova da temporada 2025 do IMSA Sports Car. Guiando na hora final, o piloto brasileiro protagonizou uma ultrapassagem decisiva para garantir a equipe no topo do pódio. O inglês Nick Tandy e o belga Laurens Vanthoor completaram o trio, que se reveza no volante ao longo da janela de disputa do evento.

Quando restavam apenas 20 minutos para o fim da prova no Daytona International Speedway — circuito de 12 curvas e 5.729m de extensão —, Nars realizou uma grande manobra para ultrapassar Matt Campbell — companheiro na conquista das 24h de Daytona no ano passado — e abrir o caminho em direção ao bicampeonato pessoal da etapa. Visivelmente emocionado no pódio, o brasileiro

vibrou bastante pelo novo feito protagonizado na carreira nas pistas de corrida.

"Eu gosto de ganhar e é para isso que estou aqui. Tenho orgulho de ter conseguido novamente, de maneira consecutiva. É um trabalho incrível de todos na Porsche Penske. Os dois carros foram muito fortes até o final, e só acaba quando termina. Então, fiz tudo o que pude atrás do volante para nos preparar. E é simplesmente um sentimento incrível, inacreditável. Eu só chorei no carro. Não sei o que dizer. Incrível", vibrou o brasileiro, em entrevista à NBC Sports, após a bandeira quadriculada.

A Porsche, agora, tem 20 vitórias em edições das 24h de Daytona, enquanto a Penske alcançou a terceira conquista geral da prova. Iniciada com a disputa vencida por Nars, a temporada 2025 da IMSA Sports Car tem a próxima etapa marcada para 15 de março, quando os pilotos desembarcam na Flórida, nos Estados Unidos, para correrem as 12h de Sebring.

ESQUI

Lucas Braathen leva o bronze na Copa do Mundo

Divulgação/CBDN



Com pai norueguês e mãe brasileira, atleta representa o Brasil

Lucas Pinheiro Braathen conquistou o terceiro lugar, ontem, na etapa austríaca de Kitzbühel da Copa do Mundo de esqui alpino. Essa foi a terceira medalha de bronze do esquiador sob a bandeira do Brasil na competição — ele faturou outras 14 pela Noruega. Filho de pai norueguês e mãe brasileira, o esquiador passou a representar o país neste ano.

Na Áustria, Lucas Braathen cravou 1min41s68 na somatória das duas descidas do slalom. Ele fez 51s54 na primeira, o terceiro melhor tempo, e 50s14, ocupando o 17º lugar, que não foi suficiente para tirá-lo do pódio. O francês Clement Noel completou a prova em 1min41s49 e ficou com o ouro, seguido pelo italiano Alex Vinatzer, com 1min41s58.

"Eu estava tão nervoso, Kitzbühel significa muito para mim", disse o brasileiro à TV austríaca. "Essa mágica só existe aqui. Para mim, é uma experiência tão calorosa quando esquia aqui, estou apenas me divertindo e sorrindo", comentou após a prova.

Antes de conquistar o bronze, Braathen havia levado a prata em Beaver Creek, nos Estados Unidos, e em Adelboden, na Suíça. O brasileiro atualmente ocupa o quinto lugar no ranking de slalom e a sétima colocação no ranking geral da temporada. Antes do Mundial de esqui alpino, em fevereiro, ele ainda disputará a etapa da Copa do Mundo de Schlading, na Austrália, nos dias 28 e 29 de janeiro.

Aos 24 anos, Lucas Braathen é considerado um fenômeno da modalidade. Nascido em Oslo, na Noruega, ele chegou a anunciar a aposentadoria precoce após um desentendimento com a Federação Norueguesa de Esqui em 2023, logo após conquistar o título mundial, mas voltou atrás e decidiu representar a bandeira verde e amarela, filiando-se à Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN).

O objetivo do jovem é somar pontos no ranking nas 19 etapas da Copa do Mundo e competir com a bandeira do Brasil nos Jogos Olímpicos de Inverno de Milão e Cortina D'Ampezzo em 2026.